

## *Memorial<sup>1</sup>*

Maria Stella Bresciani (Unicamp)

Não há faculdade humana mais preciosa do que a imaginação: a vida parece tão pouco projetada para a felicidade, que é somente com a ajuda de algumas criações, imagens, e a boa escolha de nossas lembranças que podemos recolher prazeres dispersos pela terra e lutar, não pela força filosófica, mas pelo mais eficaz poder das distrações, contra os sofrimentos inerentes a todos os destinos.  
Germaine de Staël [minha tradução]

Com essa frase melancólica e quase desesperançada Germaine de Staël inicia o *Essai sur les fictions*<sup>2</sup> publicado em 1795. Mal encerrados os anos mais radicais do processo revolucionário francês, seu ensaio convidava a refletir sobre as relações entre razão e imaginação para delas extrair conclusões fundamentais em relação ao particular poder de persuasão dos escritos literários. Não qualquer forma de literatura, mas, sobretudo, aquelas que denominou “naturais”, as quais, sem pretenderem expressar verdades, recorreriam à invenção, a tudo conferindo a aura da verossimilhança. Uma mulher, escritora e ensaísta que, em tempos sombrios e de seu particular ponto de vista, refletiu sobre as lembranças e o poder imaginação, acreditando romanticamente, na força das convicções e dos sentimentos para criar uma grande nação com ordem e liberdade: a França dos anos 1790.

Nos vínculos estreitos, fortes e duradouros da imaginação com as recordações e os da escrita ficcional com a verossimilhança se localizaria a possibilidade de estabelecer diálogo e cumplicidade entre um autor e seu público. A finalidade desse intercâmbio seria transferir e fincar convicções de maneira indelével no for íntimo do leitor. O que Mme de Staël postulou para as ficções literárias “naturais”, o romance, faço-o extensivo ao registro em que se inscreve este Memorial. Da frase, afasto o tom desesperançado e enfatizo a carga de emoção e criatividade imaginosa **presente** na escrita das páginas de rememoração.

A palavra **presente** oferece aqui dois significados: **estar presente** diz respeito ao comparecimento da dimensão afetiva no texto, mas simultaneamente afirma que a escrita sobre o passado **se inscreve no tempo presente**. Aceito assim a afirmação de Bergson de que de início tudo está no presente, ou que “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança

---

<sup>1</sup> Memorial apresentado para a prova de títulos do concurso ao cargo de professora titular em História Contemporânea no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, ocorrido em junho de 2002.

<sup>2</sup> STAËL, Germaine de, *Essai sur les fictions suivi de De l'influence des passions sur le bonheur des individus et des nations*, Paris: Éditions Ramsay, 1979. “Il n'est point de faculté plus précieuse à l'homme que son imagination: la vie humaine semble si peu calculée pour le bonheur, que ce n'est qu'à l'aide de quelques créations, de quelques images, du choix heureux de nos souvenirs, qu'on peut rassembler des plaisirs épars sur la terre, et lutter, non par la force philosophique, mais par la puissance plus efficace des distractions, contre les peines de toutes les destinées.”, p.25.

responde”. A explícita cumplicidade entre o presente e a rememoração foi retomada pela historiadora Jacy Seixas para recorrer ao postulado bergsoniano e definir que “a memória possui um primeiro e bem definido patamar”: é desencadeada de um **lugar** que se situa no **presente**.<sup>3</sup>

Tempo e lugar no presente. Assim, a leitura de Seixas sobre a noção de memória em Bergson sugere que o passado se expõe ou se recolhe acionado por impressões atuais, desejos de rememoração, escolha de lembranças agradáveis, releituras das más recordações que insistem em se fazer presentes. Trata-se sempre de uma escolha. A atualização evidentemente em nada desinteressada e ingênua, move-se, como diz a autora, no âmbito do tempo contínuo – feito de “sucessão sem separação” –, projeta sem cessar o passado no presente, para o futuro.

Essa atualização/presentificação do passado casa-se às mil maravilhas com o dever de ofício do historiador e com a exigência acadêmica de redigir um memorial. Memorial cuja ambição afasta toda e qualquer esperança de síntese, devendo, entretanto, pautar-se pela regularidade e clareza, relacionar e classificar, conferir lógica a fatos esparsos, a decisões pouco objetivas, a impulsos afetivos tão cruciais para os caminhos poucas vezes únicos e irreversíveis da vida universitária. O recurso a anotações significa, principalmente, desviar-se da tentação de rememorar as leituras e divagações nas tardes de domingo paulistanas, a casa adormecida, o céu entre azul e cinzento recortado pela janela, enquadrando imaginárias cenas da vida pública na Atenas do século IV a. C., tal como sugeridas pelas páginas ilustradas do *Thesouro da Juventude*. Seria um despropósito e uma armadilha da imaginação estabelecer um liame, por mais tênue que fosse, com lembranças infantis nebulosas, embora persistentes. E, no entanto, elas teimam em percorrer o pequeno trajeto entre a mente e as pontas dos dedos, em fixar seu lugar na escolha da História como profissão, decisão tardia e não antevista pela menina em seu tempo escolar. E que, no entanto, emerge no reconhecimento do prazer proporcionado pelo visitar por meio documentos e acionar a imaginação na direção de tempos passados, fazer conjecturas, entrar na máquina do tempo.

Lembranças que puxam o fio das recordações; associam-se a imagens e a outros tempos, talvez somente para desdizer/questionar a impossibilidade de se transitar entre a memória voluntária e a fugidia memória involuntária proustiana. A lógica das associações entre lembranças e imagens se faz forte o suficiente para empurrar para o fundo da memória a

---

<sup>3</sup> Refiro-me aqui a “Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica” constante da coletânea *Razão e Paixão na Política* (SEIXAS, J.; BRESCIANI, S.; BREPOHL, M. org.), Brasília: Editora UnB, 2002, p. 59-77.

vontade consciente de construir um texto coerente organizado pela sequência cronológica, pela classificação temática. Pretensão literária? Pode ser. Recusa de mais uma vez redigir um texto em torno de um tema – agora o do meu percurso acadêmico – respeitando os cânones da academia? Resistência absurda e sem futuro; tão só uma marca sobre a tela/o papel registrando a rebeldia fora de lugar.

Convicta de que posso mesclar memória voluntária com imagens que a despeito de minha vontade insistem em se fixar na mente, lanço-me na busca de um lugar no passado forte o suficiente para se constituir em marca/marco no tempo presente. Surge a lembrança de uma tarde de agosto (ou setembro?) de 1991, fria e chuvosa, coisa rara em Campinas, em que, reunidos em uma sala do prédio das pós-graduação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, escutamos Jacy Seixas apresentar os resultados de sua pesquisa e tese de doutorado na qual tratava exatamente da questão da memória e do esquecimento relativa ao mundo operário brasileiro nos anos finais do século XIX e início do XX. Menos que o anarquismo, tema central da tese, foi a relação insidiosa, escorregadia e ao mesmo tempo imprescindível na formação das identidades – operária, de gênero, de ofício, de classe, pessoal -, o que marcou minhas lembranças, e foi o que mais me intrigou. Uma escuta paralela à fala por tantos motivos convincente e instigante da expositora.

Ao rememorar, passados agora dez anos, as pessoas, sua distribuição em torno da longa mesa, fica-me a nítida sensação de ter sido naquele momento preciso e de forma involuntária que estaria se iniciando uma atividade coletiva com força suficiente para configurar um marco divisório ou ponto de inflexão em minha trajetória acadêmica. Saímos animados com o debate e possíveis futuros encontros informais propiciados pela presença de Seixas como a primeira bolsista de pós-doutorado em nosso Departamento. Não poderia fixar a sequência de encontros sem buscar auxílio em velhos papéis, cronologia supérflua e pouco elucidativa da importância desses momentos em que professores e alunos de pós-graduação realizavam o rito da exposição de ideias e de dúvidas pelo simples prazer da atividade intelectual compartilhada.

Posso afirmar, sem nenhum apoio externo à minha memória, os bons resultados acadêmicos desses encontros dos quais resultou, quase dois anos depois, a formação da ***Linha de Pesquisa Jogos da Política***, lugar de realização de dissertações de mestrado e teses de doutorado, de apresentação de textos, trechos de trabalhos futuros, comunicações e conferências; atividades responsáveis pela projeção externa que, pela importância das indagações levantadas, nos angariou coleguismo entre pesquisadores franceses com os quais

até hoje trabalhamos. A palavra jogos foi escolhida com uma dupla intenção: a efetiva rede de pensamentos, o desfazer a mecânica compreensão ação-reação, e indagar da diversa temporalidade de contratos sociais, revoltas, palavras, silêncio e violência, que compõem o campo da política, sempre movimento, sempre luta manifesta, ainda que de formas diversas. A outra dimensão da palavra jogos remete diretamente ao prazer lúdico proporcionado pelos debates do grupo de pesquisadores, conflitos nas interpretações de textos, contraposição de opiniões sobre a importância ou não de um mesmo tema, jogos intelectuais, em suma. Desses começos do grupo, que anos depois formaria o atual *Núcleo de História e Linguagens Políticas* (CNPq), foram marcantes, além de Jacy Seixas (Universidade Federal de Uberlândia), a presença de Izabel Marson, Vavy Pacheco Borges e Ítalo Tronca, professores do Departamento de História, que aceitaram o desafio de formar a Linha de Pesquisa ainda atuante. Nela se formaram historiadores e historiadoras com marcante trajetória acadêmica: alguns orientandos meus – Elizabeth Cancelli (Universidade de Brasília), Márcia Naxara (Unesp – Franca), Cynthia Machado (Federal de Santa Catarina), Maria Lucinete Fortunato, Rosilene Dias Montenegro, Gervácio Batista Aranha (Federal da Paraíba – Campo Grande), Beatriz Kushnir – e orientados de outros colegas – Christina Lopreatto (Federal de Uberlândia), Marion Brepohl de Magalhães (Federal do Paraná) e Iara Lis S. Souza (IA-Unicamp), em sua maioria participantes entusiastas dos encontros do grupo e de eventos organizados pelo núcleo.

A mesma imagem marcada pelas diversas facetas da política inspirou o título da coletânea *Jogos da Política. Imagens, Representações e Práticas*<sup>4</sup>, que reuniu parcela expressiva dos resultados obtidos no X Encontro da ANPUH – São Paulo que teve lugar na UNESP, campus de Franca, em setembro de 1990. Eni de Mesquita Samara e Ida Lewkowicz que comigo partilhavam a diretoria do núcleo paulista da Associação, auxiliaram na organização da coletânea e, mais importante ainda, na realização do Encontro. Dessa coletânea consta um artigo meu - *A Mulher e o Espaço Público*, parte de um texto mais longo - *O Anjo da Casa*- que seria publicado na íntegra pela *Revista História e Perspectivas*<sup>5</sup>. Nos dois textos, expunha minhas preocupações sobre a questão da representação política e da exclusão de parcela da população, os não-proprietários e as mulheres, mantidos à parte da vida pública, condenados à minoridade da condição de “cidadãos passivos” obedientes à lei e por ela protegidos, impedidos, contudo de tomar parte nas deliberações sobre qualquer

<sup>4</sup>A coletânea *Jogos da Política, Imagens, Representações e Práticas*, BRESCIANI, S.; SAMARA, E. M.; LEWKOWSCZ, I., org.) ANPUH- SP/Marco ZERO/Fapesp em 1992.

<sup>5</sup> BRESCIANI, M. S. O anjo da casa. *Revista História & Perspectivas*, nº7, Universidade Federal de Uberlândia, 07-12,1992.

dispositivo legal. O processo de inserção no espaço da política de mulheres e de não-proprietários mostrou particularidades evidentes no confronto entre a Inglaterra e a França, em grande parte devido à posição assumida pelos excluídos. O caráter pragmático das propostas de mulheres como Mary Wollstonecraft, em finais do século XVIII, e de Harriet Taylor Mill, em meados do século XIX, levou-as a exigir, embora em vão, direitos plenos à liberdade civil e à liberdades política e, ainda, a considerar a extensão da plena cidadania uma conquista conjunta de mulheres e trabalhadores do sexo masculino. A posição das inglesas contrastava surpreendentemente com a da francesa George Sand que, ao ser indicada pelos socialistas para concorrer às eleições subsequentes à Revolução de 1848, expôs em sua recusa a colocar à disposição seu nome, a defesa de uma concepção de inserção gradual da mulher no espaço público. No Brasil das décadas iniciais do período republicano, prevaleceu entre as mulheres que se expressaram publicamente o posicionamento no qual se considerava essencial a procedência do direito à liberdade civil em relação à liberdade política, liberdade que lhes asseguraria, entre outras coisas, o acesso ao ensino superior, servindo como fase de aprendizado e conscientização para as questões de interesse público.

Essas indagações definiram a organização do nº 18 da *Revista Brasileira de História*<sup>6</sup> – dedicada exatamente ao tema *A Mulher no Espaço Público* – amplo painel do “estado da arte” na época em que a história das mulheres e os estudos de gênero ganhavam lugar e dignidade de temas acadêmicos, com apoios importantes, de Michelle Perrot, Eleni Varikas e Elizabeth Lobo (de saudosa memória). Davam também continuidade a pesquisas em andamento, nas quais perseguiria a questão das representações políticas em textos de autores que haviam buscado o “sentido” da Revolução de 1789 na França. O artigo *Thomas Carlyle: a Revolução Francesa e o engendramento dos tempos modernos* foi apresentado no *Congresso do Bi-Centenário da Revolução Francesa*, realizado na Sorbonne em julho de 1989, publicado em seus Anais e, depois, em tradução brasileira.<sup>7</sup>

Interrompo esse relação, pois, o *Congresso do Bi-Centenário* traz uma imagem persistente obrigando-me a buscar o fio que, dos seminários de 1991 projeta-se retroativamente para o ano de 1986, quando aceitei o desafio de realizar um programa de estudos pós-graduados na França a partir do convite da pesquisadora Claudine Haroche do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS-EHESS), motivado e aceito pela intuição de afinidade de preocupações temáticas e teóricas, confirmada através desses longos

---

<sup>6</sup> *Revista Brasileira de História* n. 18, ANPUH/Marco Zero, 8-9, 1989.

<sup>7</sup> BRESCIANI, M.S. *Carlyle: a Revolução Francesa e o engendramento dos tempos modernos*, coleção *Primeira Versão* n. 11 IFCH-Unicamp, 1990 e *Revista Brasileira de História*, nº20, ANPUH/Marco Zero, 1991.

anos de efetiva colaboração. O estágio, financiado pela FAPESP, expandiu de modo definitivo o meu horizonte intelectual. Além de partilhar indagações teóricas com Claudine, foram muitas proveitosas as discussões de textos das quais participou ativamente Dominique Cochart (Université de Picardie), ensejando trocas de pontos de vista em relação à historiografia e a temas da história de nossos países. Claudine foi também insistente introdutora no meio acadêmico francês. Além de apresentar-me a Michelle Perrot e Pierre Ansart (Université Paris 7) organizou a apresentação do meu primeiro texto vertido para o francês, *Metropolis, les visages du monstre urbain. Les Villes au XIX<sup>e</sup>. Siècle*, que me proporcionou abrir intercâmbio com sociólogos e historiadores. Esse artigo deu continuidade à minha primeira incursão nos estudos sobre as cidades, o livro *Londres e Paris no século XIX. O espetáculo da pobreza* (São Paulo; Brasiliense, 1982)

A escrita do livro e do artigo, seguido de *Lógica e dissonância. Sociedade de trabalho: lei, ciência, disciplina e resistência operária* confirmaram o forte vínculo entre a política e os temas urbanos. Escritos, em 1985, o primeiro a convite de Edgar de Decca para compor um número especial sobre cidades da *Revista Brasileira de História*<sup>8</sup>, o segundo a convite de Dea Fénelon, configuraram um momento importante e uma direção teórica persistente nos meus estudos das questões sociais e urbanas. Mais do que isso, conduziram-me ao filósofo Edmund Burke e seu ensaio sobre as “ideias de sublime e de belo”<sup>9</sup>, uma entrada para as indagações sobre o uso de figuras de linguagem enquanto recurso argumentativo com forte poder persuasivo. A leitura da “pesquisa filosófica” de Burke me permitiu avançar na compreensão do uso das metáforas, tão recorrentes nos relatos, não só de poetas e romancistas, mas também de viajantes, filantropos, médicos, entre outras pessoas preocupadas com o crescimento e as transformações estruturais das cidades e os movimentos sociais do século XIX. O texto de Burke permitiu também estabelecer um sólido elo entre as duas áreas de pesquisa que formam o eixo de minha trajetória acadêmica – as várias dimensões do pensamento político e da questão urbana. Abriu uma ampla gama de possibilidades de leituras menos “mecânicas”, o que, além, do prazer da busca dos significados dessas figuras de linguagem, da indagação sobre as finalidades com que eram empregadas, deu lugar ao conhecimento mais dirigido a

---

<sup>8</sup> BRESCIANI, M.S. As faces do monstro urbano. As cidades no século XIX, *Revista Brasileira de História* vol. 5. N.8/9, set. 1894-abril 1985, São Paulo: ANPUH/Marco Zero.

<sup>9</sup> Foi graças ao artigo de Nicolas TAYLOR –The Awful Sublimity of Victorian City (in *The Victorian City. Images and Realities* (WOLF; DIOS org.), London e Boston: Routledge and Kegan Paul, v.2, pp. 431-436) que tive conhecimento do ensaio de Edmund Burke – *A Philosophical Inquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful* – escrito em 1756 (volume I de *The Works of Edmund Burke*, Londres: G. Bell & Sons. LTD. 1913).

outros autores do século XVIII, como Diderot, Gilpin e Kant, também eles com indagações sobre a “natureza” do belo e do sublime.<sup>10</sup>

O programa de estudos em Paris se estendeu por quatro meses, de novembro de 1986 a fevereiro de 1987, e, além da inserção acadêmica, ofereceu a oportunidade de ampliar a pesquisa sobre as intervenções nas cidades no século XIX, em particular o levantamento de documentação sobre as reformas propostas e executadas pelo Barão Haussmann na cidade de Paris nas décadas de 1850 e 1860. O estágio na Bibliothèque Historique de la ville de Paris proporcionou-me um duplo prazer: ter em mãos documentos originais, relatos do próprio Haussmann, plantas da cidade com traçado das ruas e avenidas a serem abertas, a concepção teórica de seus trabalhos, e o deleite de passar dias inteiros nas dependências daquela magnífica mansão do século XVII. Não menos significativo para a pesquisa foi o tempo dedicado aos fichários e aos livros na Bibliothèque Nationale de France, a cujos segredos fui apresentada pelo jovem historiador José Leonardo do Nascimento, com quem dividi minhas preocupações relativas aos pensadores de tendência conservadora, instigada pela proximidade entre alguns de pontos de vista deles e as análises de Marx sobre a sociedade capitalista inglesa. Eu estudava Thomas Carlyle para entendê-lo e contrapô-lo ao utilitarista Edwin Chadwick; ele se interessava por Hippolyte Taine, autor que veio a ser essencial para minhas pesquisas posteriores, em particular para conhecer melhor o método de trabalho de Francisco de Oliveira Vianna e de outros autores brasileiros críticos do liberalismo e das instituições liberais republicanas nas décadas iniciais do século XX. Ainda nesse primeiro programa de pós-graduação no exterior, passei 20 dias na British Library em Londres para melhor conhecer a avaliação das condições sanitárias de Londres e das cidades industriais inglesas contidas no extenso relatório da pesquisa chefiada por Edwin Chadwick na década de 1840.

Penso que posso localizar nesse outro **lugar** de memória – a Paris do inverno de 1986-1987 – o **tempo** em que a importância do pensamento conservador se firmou como núcleo central de minhas preocupações na área de história política e história urbana. Em 1980 dera início, em disciplinas do curso de pós-graduação em História, a leituras sobre as cidades no século XIX, em percurso cujos começos foram delineados por tema relativos à “formação do trabalhador assalariado urbano”, uma das áreas do nosso Programa de Pós-graduação. Após passar por campos temáticos voltados para o processo de trabalho e para a política de

---

<sup>10</sup> Remeto aos textos: Diderot – *Recherches Philosophiques sur l’origine et la nature du beau* (1772) in *Diderot Oeuvres esthétiques*, Paris: Classiques Garnier, 1994, p. 391-436; William Gilpin, *Trois essais sur le beau pittoresque*, tradução francesa do original inglês de 1799, Paris: Moniteur, 1982; Emmanuel Kant, *Observations sur le sentiment du beau et du sublime* (escrito entre 1764 e 1766), in *Oeuvres Philosophiques* vol. 1, Paris: Gallimard, p. 451-509.

resistência e luta operárias, as condições de vida nos núcleos urbanos industriais em formação impuseram-se como questão central. Em 1985, o Programa de Pós-graduação passou por modificações das quais resultaria a implantação do Doutorado e a reformulação das Linhas de Pesquisa, cabendo a mim a responsabilidade de conduzir seminários e orientação de alunos da **Linha de Pesquisa Cultura e Cidade**. As atividades nessa área temática abriram um campo de indagações bastante amplo e estimulante para alguém, como eu, apaixonada por grandes cidades, exigindo o mapeamento da bibliografia produzida em diversas disciplinas. Logo de início, as questões relacionadas às intervenções no tecido urbano no século XIX somaram-se ao tema das multidões, já compartilhado anteriormente em aulas e no livro *Londres e Paris no século XIX. O espetáculo da pobreza*. Entre aulas e leituras, fixou-se também a convicção de que no cerne da “questão urbana” se colocava a “questão social” em suas várias dimensões.

Na busca de um olhar crítico voltado para a sociedade/cidade inglesa do século XIX, alternativo ao de Marx e Engels, deparei-me, como já revelei, com Thomas Carlyle, seus escritos fundamentais *Signs of the times* (1830) e *Chartism* (1840), que me levaram a seu livro *The French Revolution, a History* (1837). Surpreenderam-me nesse autor as análises críticas radicais sobre a desumanização das relações entre patrões e trabalhadores e a distância que a máquina passara a se interpor entre eles. Suas observações, guiadas pelas diretrizes do pensamento conservador romântico, iriam atravessar diversos aspectos da sociedade inglesa na denúncia aguda e irada ao “utilitarismo benthamita” e da fria lógica matemática de causa e efeito presente em seu “*the greatest-happiness principle*”, comparado por ele ao som do eco que se dissipa com o tempo. (*Signs of the times*: 63)<sup>11</sup> Minhas suspeitas em relação às opiniões análogas de Marx e Carlyle, relatadas em comentário a Michael Löwy, foram por ele confirmadas em pesquisa ao arquivo pessoal de Marx, depositado no Instituto de História Social em Amsterdam. Nele Löwy encontrou textos de Carlyle cuidadosamente anotados em suas margens pelo autor de *O Capital*. Grata surpresa e alívio ao ver confirmada minha convicção de que à curiosidade intelectual não se deve impor barreiras teóricas, menos ainda ideológicas, ou seja de que autores conservadores, negligenciados ou excluídos *a priori* por tantos motivos preconceituosos, muito têm a nos ensinar sobre sua época e, particularmente, sobre a nossa. A curiosidade intelectual e a ousadia em avançar por diferentes campos disciplinares estimulam e contribuem para configurar qualquer campo de estudos.

O programa de estudos desse inverno parisiense de 1987 reservaria ainda outra surpresa, e esta viria dos anarquistas pesquisados por Jacy Seixas. Parte de sua tese de

---

<sup>11</sup> Trata-se da edição *Thomas Carlyle. Selected Writings*, Penguin, 1980, da qual constam os textos integrais de *Signs of the times* e de *Chartism*. p. 59-85; 149-231, respectivamente.



doutorado revelava a inesperada convergência de opiniões entre o pensamento autoritário no Brasil do início do século XX e a posição de parcela dos militantes políticos em relação ao operariado brasileiro, ambos considerando os trabalhadores como grupo heterogêneo, até pela diversa procedência nacional, despido de consciência e de identidade, e como classe estariam ainda em formação. As avaliações dos militantes anarquistas e socialistas coincidiam com as emitidas por intelectuais de tendência conservadora, como Oliveira Vianna, não só a respeito do operariado, mas na projeção imaginária de uma entidade, “o povo brasileiro”.

O reconhecimento da semelhança entre determinadas posições dos militantes operários e as de Oliveira Vianna surgia anos depois desse autor ter sido objeto de estudo em 1971, num dos primeiros cursos de pós-graduação no qual, não por acaso, o professor Francisco Weffort nos propusera estudar o autoritarismo político. Minha escolha recaiu em Oliveira Vianna, dado ser, entre muitos autores oferecidos como possibilidade de estudo e exposição em classe, um dos mais acessíveis à minha parca formação em Ciência Política. A preparação para o seminário revelaria a importância do pensamento conservador no Brasil como contraponto aos propagandistas republicanos liberais e positivistas, tema de minha tese de Doutorado – *Liberalismo: Ideologia e Controle Social. São Paulo, 1850-1910*, - orientada pelo Prof. Dr. Carlos Guilherme Mota e defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, em 1976. Ora, cá estou eu voltando para os começos de minha trajetória acadêmica, sendo que as referências sobre Oliveira Vianna e os liberais eu as havia planejado como último item deste Memorial.

Certamente, o que acontece é uma fuga do tempo presente que, não somente não se recolhe mas insiste em afirmar que “a memória possui dupla resistência: habita inextricavelmente o mundo rígido e instável da matéria, tanto quanto reside, como elástica faculdade, em nosso espírito”. Essa coexistência de tempos diversos alinhavados pelo fio das recordações confirma que efetivamente “toda percepção, por mais breve que seja, supõe uma duração e está, por isso, impregnada de lembranças, de memória”. Novamente Bergson e o artigo de Seixas se unem trazendo o sabor dos copos de vinho, providenciais naquele inverno particularmente rigoroso de janeiro de 1987, que estimulavam o debate intelectual entre três brasileiros, José Leonardo também participava. Talvez essa fuga não seja outra coisa além do “acaso proustiano” se imiscuindo na “escolha bergsoniana”, acontecendo somente para insinuar a possível passagem da memória voluntária à memória involuntária, essa mistura de tempos, de lugares físicos e afetivos, de imagens se sobrepondo e se impondo à imaginação. O gosto do vinho e o prazer da conversa - debate se atualizam deixando um traço de nostalgia

de momentos passados, de ganhos e de perdas capazes de sintetizar a imagem de trajetórias. O tempo dura, mas flui...

Relance da memória involuntária. A intromissão dessas lembranças sugere seu encadeamento, embora parcial, já que novamente escapou e deixou esse rastro que permite articular o tempo dos começos do grupo *Jogos da Política* e a estadia em Paris. Afinal, hoje, vários pesquisadores brasileiros e franceses com presença marcante nesses começos do percurso acadêmico formam um coletivo de estudos e de trocas intelectuais, sempre ampliado pelos novos pós-graduandos e doutorados. No segundo programa de estudos na França, entre o início de janeiro e fins de março de 1989, com apoio do CNPq, dediquei-me à pesquisa e redação do texto sobre a leitura da Revolução Francesa feita Thomas Carlyle. Ao comparar edições, a inglesa e a tradução francesa, de *The French Revolution* descobri o *Annual Register*, publicação inglesa de caráter oficioso. Surpreendeu-me a semelhança das observações dos acontecimentos de além Mancha, acompanhados ano a ano a partir de 1790, com as considerações de Edmund Burke escritas em 1790 às quais deu o significativo título *Reflections on the Revolution in France and on the proceedings in certain societies in London relative to that event in a letter intendend to have been sent to a gentleman in Paris*.<sup>12</sup> Chamou-me também a atenção a semelhança das figuras de linguagem usadas nas *Reflections* e nos sucessivos relatórios do *Annual Register*<sup>13</sup>.

Descobri pouco depois ter sido o próprio Edmund Burke quem redigira os textos dos *Annual Register*. Da leitura dos textos de Burke e Carlyle ficou-me a indagação a respeito dos diferentes e contrastantes registros da presença da multidão nos acontecimentos dos anos revolucionários da França. De origem irlandesa, o conservador Edmund Burke, contemporâneo dos acontecimentos revolucionários, expõe em suas reflexões o **registro político** do espanto perante um movimento de dimensões inéditas e desconcertantes, em virtude da expressão numérica dos participantes e da grandiosidade dos seus desdobramentos. Praticamente um século depois, autores com formação profissional diversa, Gustave Le Bon, Henri Fournial, Scipio Sighelle e Gabriel Tarde retomavam e mantinham a aura política dos movimentos da multidão revolucionária francesa em estudos com pretensões à objetividade nos quais, além de relacionarem a tendência à contravenção e à criminalidade a traços físicos,

---

<sup>12</sup> BURKE, Edmund. *Reflections on the Revolution in France and on the proceedings in certain societies in London relative to that event in a letter intendend to have been sent to a gentleman in Paris*. Edição Pelican Classics, 1979.

<sup>13</sup> The *ANNUAL REGISTER* or a view of the History, Politics, and Literature. Londres: Printed for the Proprietors of J. Dodsley's Annual Register, W. Otridge & Sons, 1792, 1793, 1799. Edmund Burke foi o prefaciador do 1º volume do anuário publicado desde 1758.

em particular os fisionômicos, concluiriam ser sempre regressivo o comportamento humano quando em multidão. Neles encontrei ecos das observações de Edmund Burke, mas também a presença evidente das considerações de Thomas Carlyle e Hippolyte Taine. O primeiro escrevendo *Chartism*, em 1839, sob a pressão do movimento operário inglês; o segundo, por marcar posição em vários artigos e, principalmente, nos dois volumes de *Les origines de la France contemporaine*,<sup>14</sup> escritos e publicados entre 1875 e 1873, sob o impacto da derrota da França na guerra franco-prussiana e da Comuna de Paris em 1871.

Essa “descoberta” consistiu um estímulo para escrever *De l'étonnement politique à la certitude scientifique: quatre représentations de la Révolution française* publicado em versões francesa e brasileira.<sup>15</sup> A partir dessas incursões, o pensamento conservador se manteve como um tema privilegiado em meus estudos, e deles decorreu uma reflexão sobre o modo como Hippolyte Taine afirmou, na segunda metade do século XIX, ser a Inglaterra o paradigma da sociedade moderna. Recentemente, motivou o convite para participar do *Seminário Internacional 130 anos da Comuna de Paris*, realizado em maio de 2001 no IFCH-UNICAMP. Apresentei o texto *O pensamento conservador após a Comuna de Paris*, tendo o historiador Hippolyte Taine como figura principal, com suas preocupações relativas ao sufrágio universal em uma França amputada de parte de seu território devido à derrota frente à Prússia, e dilacerada internamente pelos acontecimentos da Comuna.<sup>16</sup>

No mesmo campo de indagações sobre o diálogo crítico entre autores do século XIX com posições políticas divergentes se inscreve *Razão e Paixão na Política*, apresentado em Mesa Redonda do XVII *Simpósio Nacional de História da ANPUH*, em julho de 1993, e publicado, em 1996, em *História & Utopias*.<sup>17</sup> Nesse texto, os escritos de Germaine de Staël serviram de pretexto e orientação teórica para colocar lado a lado as reflexões relativas ao poder das emoções na orientação dos comportamentos e a crítica ao utilitarismo benthamita, apresentado na forma ficcional por Charles Dickens em *Hard Times*, de 1845. O tempo decorrido entre os escritos dos dois autores meio século, viria confirmar as palavras de Staël a respeito da “utilidade” da literatura ficcional: “no homem só existem duas faculdades distintas, a razão e a imaginação; todas as outras, inclusive o sentimento, delas dependem ou delas

<sup>14</sup> O texto *Chartism* está nas páginas 149-232 da coletânea da Penguin acima citada.

<sup>15</sup> BRESCIANI. M.S. De l'étonnement politique à la certitude scientifique: quatre représentations de la Révolution française. *L'Homme et la Société*, nº107-108, Paris: L' Harmmatan, janeiro-junho de 1993 e *Revista Brasileira de História* nº 23/24, ANPUH/Marco Zero, setembro de 1991- agosto de 1992.

<sup>16</sup> Hippolyte Taine e a formação do paradigma inglês é inédito e fará parte de uma coletânea de artigos sobre o pensamento de Taine, Carlyle e John Stuart Mill. O pensamento político conservador após a Comuna de Paris. in *A Comuna de Paris na História* (BOITO, Armando org.), Campinas: Cemarx-IFCH-UNICAMP/Xamã, 2001.

<sup>17</sup> A coletânea *História & Utopias* foi organizada por Ilma Blaj e John Monteiro para a ANPUH – Nacional em 1996.

decorrem. O império das ficções, como o da imaginação é, portanto extremamente amplo”.<sup>18</sup> A força da imagem de Coketown, a projeção imaginada de uma cidade construída ao redor da mineração em escala industrial e regida pelos princípios utilitaristas de Mr. Gradgrind, construída na narrativa literária de Dickens, consegue transportar o leitor para o pesadelo do universo organizado segundo as ideias de Jeremy Bentham. Afinal, a cidade de Coketown, como toda utopia, compõe um mundo fechado do qual ninguém escapa, nem física nem emocionalmente. Seria um alerta aos perigos de um provável futuro antevisto posteriormente por George Orwell no seu 1984 e por Aldous Huxley em *Admirável Mundo Novo*?

Essas incursões aos críticos do liberalismo radical inglês me fizeram retomar Germaine de Staël e a força expressiva de sua escrita. Suas observações, no princípio, me pareceram desconcertantes pela agudez da percepção e pela sensível atualidade. Surpreendentemente, ela não só refletira sobre as ficções literárias, mas também escrevera vários pequenos contos e dois grandes romances, *Delphine* e *Corinne ou de l'Italie*<sup>19</sup>, ambos ambientados no **tempo** da revolução francesa, um em terras da França, outro entre a Inglaterra e a Itália. Nos dois romances é visível o exercício de seus postulados sobre o poder das ficções para, por meio do caminho suave da trama literária, atingir o foro íntimo e moldar o caráter do leitor para a adesão à “virtude republicana”. Neles também se faz evidente o esforço da escrita, na modulação das palavras, cadenciando as emoções que pretende provocar; uma escrita racional e disciplinada, destinada a atingir a afetividade, porém pouco movida pelas paixões irracionais. Se, como preconizava Germaine de Staël, os domínios da felicidade são vagos, sendo impossível neles se deter, já que chegam a nós por “estas imagens brilhantes formadas por vapores leves que desaparecem ao serem atravessados”, as imagens da dor, da renúncia, da contenção das emoções mais fortes, em particular das paixões, contêm o seu reverso na felicidade íntima proporcionada pela conduta irrepreensível das suas heroínas martirizadas sem abandonar suas convicções. Elas pertenciam a mundos diversos, é bem verdade, porém se mantiveram irredutíveis em relação aos seus princípios: os da *salonnière* anglo-italiana Corinne, mulher de “espírito”, rica e independente reunia em sua mansão romana a nata dos homens bem pensantes da cidade, e a ética liberal da francesa Delphine, talvez um tanto enrijecida pela doutrina da Igreja Reformada, na qual a autora Staël fora educada, carrega a contundente crítica aos códigos do *Ancien Régime*, embora a heroína pertencesse a esse mundo pelo nascimento. A “filosofia invisível” a conduzir o argumento e a

---

<sup>18</sup> Esta frase encontra-se em STAËL, G. de. *Essai sur les fictions*, op. cit, p. 26.

<sup>19</sup> STAËL, G. de. *Corinne ou l'Italie*. (3ª ed. 1807 com prefácio, anotações de Simone Balayé). Paris: Gallimard, 1985; *Delphine* (1802). Paris: Ed. Des femmes, 1981.

esclarecer as ideias morais confere ao texto suporte precioso: dispõe mensagens morais na intrincada tessitura da trama ficcional com o fito de formar convicções indeléveis; revela também o pragmatismo do pensamento romântico. Minhas leituras dos textos da autora resultaram em um convite de Claudine Haroche para participar de colóquio em torno da questão do foro íntimo, e incentivou a redação de *Le pouvoir de l'imagination: du for intérieur aux moeurs publiques. Germaine de Staël et les fictions littéraires*.<sup>20</sup>

A leitura dos livros de Germaine de Staël e as pesquisas complementares para a redação do texto foram possíveis graças ao programa de pós-doutorado realizado em Paris no primeiro semestre de 1995 a convite de Claudine Haroche (CNRS) e de Kátia de Q. Mattoso (Univ. Paris IV), com apoio da CAPES. Nesse período de seis meses, dispus de tempo para prosseguir na leitura dos escritos de Hippolyte Taine, ampliar a pesquisa para a noção de solidarismo, vertente do pensamento reformista francês de finais dos séculos XIX e início do XX que, segundo vários especialistas, tronou-se a doutrina política da III<sup>a</sup> República na França. O alcance dos princípios solidaristas ultrapassaria a 2<sup>a</sup> Guerra Mundial e seria o apoio político para a formulação da *Securité Sociale* e do *État Providence*. A leitura de vários adeptos do solidarismo foram motivadas pelas citações desses autores por Oliveira Vianna, e revelaram importância estratégica para avaliar a inserção do brasileiro no campo do pensamento sociológico de inícios do século XX. Ainda durante essa estadia em Paris, tive a oportunidade de organizar com Haroche a coletânea de alguns de seus textos - *Da palavra ao gesto* – que mereceu primorosa tradução e edição de Jacy Seixas e Ana Montoia.<sup>21</sup>

Volto às incursões pelos textos literários e creio ser relevante insistir sobre uma outra faceta: o fascínio que exercem vai muito além das possibilidades críticas – positivas ou negativas – ao mundo regido pelo capital; podem inadvertidamente tornar-se documentação exclusiva, absorvente, e dar a ilusão de ser possível excluir os textos mais formais usualmente denominados “documentos históricos”. A magia de sua escrita nos absorve e cria a ilusão de exporem a própria sociedade em linguagem específica; nos faz esquecer que, como toda forma expressiva, obedecem a cânones próprios. Devemos ter em mente que, no caso da ficção, o princípio da verossimilhança serve necessariamente de suporte à trama romanesca sem nunca, entretanto, exhibir seus alicerces e andaimes filosóficos-morais, nem pretender “dizer a verdade”. Aliás, a própria Germaine de Staël alertava no *Essai sur les fictions* sobre a armadilha contida na pretensão à verdade da parte dos autores de textos literários, ao lembrar

<sup>20</sup> BRESCIANI, M.S. *Le pouvoir de l'imagination: du for intérieur aux moeurs publiques. Germaine de Staël et les fictions littéraires* in *Le for intérieur*, HAROCHE, C. e ENRIQUEZ, E., Paris: PUF, 1995.

<sup>21</sup> A coletânea HAROCHE, C. *Da palavra ao gesto*. (organização e apresentação Bresciani, M.S.), Campinas: Papirus, 1998.

que o registro de um dado olhar, de um movimento ou de uma circunstância pouco relevante demonstra, por vezes, grande eficácia para se desenhar um caráter e provocar um sentimento. Exatamente o efeito inverso do detalhamento escrupuloso de um acontecimento, que sem aumentar a verossimilhança, certamente a diminui. A autora repetiria essa ideia com outras palavras: “A moralidade dos romances se deve mais ao estímulo dos movimentos internos da alma [que provoca] do que aos acontecimentos narrados”. Provocar sentimentos, procedimento nada espontâneo, já que exigia do romancista o domínio da técnica de “acrescentar à verdade, sem desnaturá-la, uma espécie de efeito dramático”, correspondente à “arte de um pintor que, longe de alterar os objetos, os representa de uma maneira mais sensível”.<sup>22</sup>

A estreita ligação entre os mores prevaletentes em uma dada sociedade e suas expressões literárias mereceu da autora um longo estudo sobre esse tema de reflexão - *De la Littérature* (1800)<sup>23</sup>. Surpreende pela atualidade sua afirmação de que a cada sociedade corresponderia um gênero literário, e indicar ser o romance a forma corresponde à sociedade moderna, ou seja, à sociedade estruturada sobre o Estado de Direito, na qual prevaleceria a figura jurídica e moral do indivíduo, senhor de sua vontade e de suas decisões. São bastante elucidativas desse ponto de vista suas observações sobre os romances dos ingleses Richardson e Fielding, escritos na primeira metade do século XVIII.<sup>24</sup>

Na contraposição entre sociedades regidas por códigos diversos e mesmos opostos, a autora comporia trechos fascinantes de observações sobre a produção literária na sociedade de corte da França nos séculos XVII e XVIII. Neles, a “especialidade francesa” na “delicada arte da lisonja” se torna o foco central. Assim, se o desejo de agradar às mulheres constituía o traço masculino das nacionalidades espanhola e italiana, na França, explicava Germaine de Staël, o desejo de agradar acontecia entre os homens, servindo à ambição, exigindo mais espírito e arte no manejo de todo gênero de paixões e de vaidades, já que governo e costumes confundiam-se entrelaçados e faziam com que o sucesso dependesse de seu especial talento de se lisonjearem mutuamente. Submetidos à opinião dos outros, todos se preocupavam com a aparência, buscando na literatura uma única finalidade: a dos prazeres do espírito. Literatura tão somente destinada a “iguais”, descuidada e tão enfraquecida em sua superficialidade que

---

<sup>22</sup> STAËL, G. de. *Essai sur les fictions*, op. cit., p. 43-45.

<sup>23</sup> STAËL, G. de, *De la littérature*, Paris: GF Flammarion, 1991.

<sup>24</sup> STAËL, G. de. *Essai sur les fictions*, op.cit., p. 40.

se mostrara incapaz de fazer frente à literatura crítica que acabou por derrubar a monarquia”.

25

Em situação diferenciada à dos reis, cuja autoridade aparecia envolta em “uma nuvem de ilusões e de lembranças, em uma república a dos “homens eleitos” deveria se apoiar sobre sua “superioridade pessoal”. “O espírito republicano exige mais severidade no bom gosto, que por sua vez é se expressa nas boas maneiras”, prossegue ao enfatizar a relação entre os costumes, a liberdade e a igualdade política: “em um país onde existirá liberdade, as pessoas, quando em sociedade, tratarão com maior frequência de assuntos políticos e serão menos atraídos pelas formas e o charme das distrações. Em um país onde subsistirá a igualdade política todos os tipos de mérito serão admitidos; deixará de existir uma sociedade fechada e consagrada unicamente à perfeição do espírito de sociedade, nela concentrado o ascendente da fortuna e do poder”. Em uma república, sublinha a autora, “o gosto deve consistir no conhecimento perfeito de todas as relações verdadeiras e duráveis”, o que faria recair na literatura republicana o papel crucial de “aperfeiçoar todos os talentos”. O foco de sua preocupação não se resume à boa formação do intelecto; direciona-se para a certeza de afirmar a liberdade pela “dignidade de cada cidadão”, fazendo de “cada homem de talento um obstáculo a mais à usurpação política”.<sup>26</sup>

Se, como afirmou Staël, a cada sociedade corresponde uma forma ou determinadas formas de literatura, refletir sobre essa estreita correlação pode servir de orientação em vários campos temáticos. Em minhas pesquisas, os textos literários já haviam descortinado os preconceitos de repulsa e de medo em relação à população pobre. Usada de início como leitura complementar à questão do trabalhador e do mundo do trabalho no século XIX, em disciplina do Curso de Pós-graduação em 1980, a literatura ficcional mostrou uma dimensão de extrema importância. Colocada em paralelo com a documentação filosófica, médica, filantrópica e oficial, parecia sintetizar na composição imagética de seus personagens pobres uma vasta sequência de características negativas. Nos personagens bem-nascidos, a carga de preconceitos relativos à pobreza alimentava a pretensão de “retrato fiel” da sociedade, permanecendo obscurecidos ou velados nos textos os ensinamentos de que a ficção opera como verossimilhança e dela retira sua força expressiva. Cadernetas de anotações, entrevistas com trabalhadores, observações de cenas de rua e do lazer operário pretenderam dar a conhecer aos leitores da “boa sociedade” a sua outra face, colorida com as tintas esmaecidas da ingenuidade dos personagens vítimas ou com as cores sombrias do vício e da personalidade

---

<sup>25</sup> STAËL. G. de. *De la littérature*, op.cit., p. 271-275 e p. 279-281.

<sup>26</sup> STAËL. G. de. *De la littérature*, op. cit., p. 308-313.

criminosa dos alçozes. Um mundo sem nuances, sem posições intermediárias, povoado de protótipos, de oposições. Ao mesmo tempo muito instrutivo. Menos que o “retrato da sociedade” a literatura oferece um quadro sintético dos valores de época, valores de determinados grupos da sociedade, traindo a intenção dos autores de seduzir seu público leitor. Afinal, deles dependiam para definir seu valor de mercado, tal como ensinou Walter Benjamin que, ao reler Baudelaire, nos introduziu a várias linguagens e formas de expressão do século XIX.<sup>27</sup>

Nesses **jogos** com os textos literários, a contraposição de vozes no coro de médicos, juristas, literatos, pintores, gravuristas, filantropos e personalidades dos oitocentos revelaria o quanto esses “observadores sociais” recorriam à estratégia de afirmar que a sociedade estava submersa no caos ou vivia uma desorganização assustadora. Esse procedimento mostrou grande eficiência para ganhar a atenção do leitor, provocando ansiedade e temor, para em seguida, no decorrer das páginas, apresentar a solução moral pacificadora. Expunham ao seu público, em linguagem ficcional, um outro lado da cidade; tornavam-se úteis, indispensáveis mesmo à parcela instruída da população, que pouco ou nenhum contato tinha com os selvagens deserdados, habitantes de bairros assemelhados a um assustador Tumbuctu ou outro qualquer aldeamento imaginário de aborígenes da África ou das Américas.

Falar da relação entre história e literatura remete, pois, ao tempo em que ousei enveredar pelos instigantes e difíceis meandros da narrativa ficcional orientada pelas observações de Walter Benjamin.<sup>28</sup> Com esse autor aprendi a reconhecer a formação de uma nova sensibilidade entre os habitantes de grandes cidades no século XIX. O apelo ao consumo nas atividades do comércio seria o complemento necessário para um modo de vida assentado na busca da produtividade e do lucro. A afirmação de Marx sobre o valor de troca ganhar supremacia sobre o valor de uso na sociedade movida pelo capital ganha, na acepção sensível de Benjamin, a dimensão da “modernidade”. Em uma sociedade submetida à aceleração do tempo e ao vínculo monetário, as nuances das “correspondências” poéticas do convívio com a natureza e com os seus semelhantes perdem-se no anonimato e no medo latente do desconhecido, se tornam presente e a rotina da vida cotidiana. Ao pesquisar documentos para escrever *Londres e Paris no século XIX. O espetáculo da pobreza* abria, em 1981, encontrei

---

<sup>27</sup> BENJAMIN, Walter, “ Sobre alguns temas na Baudelaire” e “Paris do Segundo Império”, in *Walter Benjamin. Obras Escolhidas III*, São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>28</sup> Além dos textos acima citados, foram de grande incentivo suas reflexões e sugestões contidas em *Paris capital du XIX<sup>e</sup> siècle. Le livre des passages*, Paris: Cerf, 1989 e os artigos sobre seus trabalhos reunidos na coletânea *Walter Benjamin et Paris* (Heinz Wisman org.), Paris: Cerf, 1986, além dos registros de memória de Rua de Mão única, Infância Berlimense e Imagens do Pensamento, publicados em *Walter Benjamin. Obras Escolhidas II*, São Paulo: Brasiliense, 1987.



uma sequência de textos sobre as cidades em que a literatura compareceu como documentação central ou complementar sobre o dia a dia de variados segmentos da sociedade. Com essa menção, volto ao início da década de 1980, às aulas em que alunos do curso de Pós-graduação aceitaram fazer comigo incursões exploratórias por vários tipos de linguagem – escrita, gráficos, fotos, desenhos, mapas, projetos –, cujo foco principal eram as cidades industriais e as grandes capitais europeias. Na leituras desses documentos as multidões se impuseram como um recorte analítico, dada a sua presença oferecer o aspecto assustador de ameaça, potencial ou efetiva, demandando controle. Leituras que conjugaram dois prazeres: saborear a lembrança, entre familiar e rememorativa, dos tempos em que cruzava a cidade de São Paulo na busca deliberada de me perder em meio à multidão, seguir anônima e isolada, quase em perambulação entre vitrines deslumbrantes e imagens insólitas, inesperadas, e tempos depois, fazer de uma paixão objeto de estudo. Novamente lembranças, agem como “*madeleines*” proustianas ao trazerem de volta momentos fixados em minha memória como a imagem da liberdade.

As incursões pelos temas urbanos foram expostas em alguns artigos: além de *Metrópolis: as faces do monstro urbano. As cidades no século XIX*, registro *Lógicas e Dissonância: sociedade de trabalho, lei, ciência e resistência operária e Século XIX: a elaboração de um mito literário*. Todos compõem um primeiro grupo de textos publicados em 1985 e 1986. O tema da narrativa ficcional, retomado algum tempo depois em *Um poeta no mercado*, teve Baudelaire como mote para pensar a produção literária e poética, num momento em que o mercado editorial se tornava o índice do sucesso ou do fracasso de um autor. Voltaria à questão das multidões com o texto *A cidade das multidões, a cidade aterrorizada* em resposta ao convite de Robert Pechman para participar de um seminário. *A rua: entre a história e a literatura*, redigida sob o duplo estímulo de uma aula no Museu Paulista, a convite de Ulpiano Bezerra de Menezes e do seminário *Littérature - Histoire: regards croisés*, organizado por Kátia Mattoso na Université Paris IV, completa esse segundo momento de releituras de textos literários, e configuram já “rememoração” ou viagem retrospectiva de caminhos trilhados em quinze anos de estudos e pesquisa.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Remeto novamente a *Metrópolis, as faces do monstro urbano. As cidades no séc. XIX*, *Revista Brasileira de História* n.8/9, ANPUH/Marco Zero, 1985; *Lógica e Dissonância. Sociedade de trabalho: lei, ciência e resistência operária*, *RBH* nº11, ANPUH/Marco Zero, 1986; e a eles acrescento *Século XIX: a elaboração de um mito literário*, *História: Questões e Debates*, nº 13, Curitiba: APAH, 1986; *Um poeta no mercado*, *Margens* nº 2, PUC-SP, 1993; *As cidades das multidões, a cidade aterrorizada*, capítulo da coletânea *Olhares sobre a cidade* (org. R. Pechman), Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994; *La rue entre histoire et littérature*, publicado na coletânea *Littérature/Histoire: regards croisés*, Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 1995 e a versão

A caminhada pelas cidades se interrompe para dar lugar a outra dimensão das leituras dos textos literários, retomados com mais sistematicidade desde o início da participação no grupo Clíope, em 1997, a convite de Sandra J. Pesavento e Ligia Chiappini. Ao prazer da leitura acrescentou-se a oportunidade de participar e usufruir de um debate com estudiosos da literatura brasileiros, italianos e franceses. O **jogo** de trançar literatura e história foi responsável pelas incursões subsequentes a textos de Stefan Zweig, Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre e Plínio Salgado, com as quais retomei em dois trabalhos a dimensão política da narrativa ficcional: *Projetos e projeções da nação brasileira. Stefan Zweig, Darcy Ribeiro e Oliveira Vianna: convergência e desencontros*, seguido de Darcy Ribeiro *entre narrativas: antropólogo, militante e romancista*.<sup>30</sup> Apresentei ainda mais dois estudos nos seminários de Clíope – *A casa como síntese do ser brasileiro, uma leitura de Gilberto Freyre e Falar literariamente da alteridade: Plínio Salgado em “O estrangeiro”*.<sup>31</sup> Não menos importantes são as lembranças de tempos e lugares nos quais ao prazer da leitura e à oportunidade do debate viriam somar-se as *villegiaturas* por cidades tão diversas como Porto Alegre, Berlim, Varsóvia, Porto e Roma, onde Clíope realizou encontros, e por extensão Coimbra, Guimarães, Nápoles, Budapeste, Viena e Praga, estreitando amizades, por vezes em aventuras insólitas por terras do leste europeu, partilhadas por Elizabeth Cancelli, alimentando o acervo de conhecimentos – *in loco* e aquisição de livros e mapas – sobre a configuração, as reformas e demais intervenções nessas cidades, tema que se tornou minha segunda natureza.

Aliás, o conhecimento proporcionado pelas viagens não cumpriu um roteiro rigidamente acadêmico, pois me levou a falar em francês para um público alemão em Erfurt sobre o processo de redemocratização no Brasil nos anos 1980 e do processo de *impeachment* do presidente Fernando Collor de Mello, palestra publicada em alemão pela Universidade de Erfurt em 1992, e ir até São Petersburgo, em pleno inverno do ano seguinte, aceitando o amigável chamado de Ellen Drünert, com o deliberado intuito de conhecer uma cidade de “inspiração italiana” em posição tangencial ao círculo polar ártico, onde também se

---

brasileira em *A cidade e a rua. Cadernos de História de São Paulo 2*, 1993, organizada por Ulpiano B. de Menezes e Maria Lúcia Perrone.

<sup>30</sup> BRESCIANI, M. S.. *Projetos e projeções da nação brasileira: Stefan Zweig, Darcy Ribeiro e Oliveira Vianna: pontos de contato e contrastes*, publicado em *Brasil, país do passado?* (org. Ligia Chiappini, Antonio Dimas e Berthod Zilly), São Paulo: Edusp/ Boitempo, 2000 e na versão alemã com o mesmo título na coletânea *Brasilien, Land der Vergangenheit?* (Chiappini e Zilly, orgs.), Frankfurt: TFM, 2000; Darcy Ribeiro *entre narrativas: antropólogo, militante e romancista*, publicado na *Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani* n° 2, organizada por Ettore Finazzi-Agrò, Pisa-Roma: Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, 2000.

<sup>31</sup> BRESCIANI, M. S.. *A casa como síntese do ser brasileiro, uma leitura de Gilberto Freyre* in *Literatura e Cultura no Brasil. Identidades e fronteiras* (CHIAPPINI, Ligia; BRESCIANI, Maria Stella, org.), São Paulo: Cortez Editora, 2002; *Falar literariamente da alteridade: Plínio Salgado em “O estrangeiro” – Letterature d’America* (Ettore Finazzi-Agrò org.). Bulzoni Editore de Roma, 2000.

encontra, no magnífico edifício do Palácio de Inverno, um dos mais importantes museus do mundo, o Hermitage. O prédio e o acervo, entrevistados antes em fotos, faziam há tempos parte de minhas programações imaginosas. Sob o mesmo estímulo de curiosidade e amizade fui até Colônia, Bonn, Badhonnef, Celle, Hamburgo, dilatando minhas “imagens” de cidades, alimentando a paixão, não só acadêmica, que me tem movido nos últimos quinze anos.

De certo modo essa paixão foi já anunciada nesse Memorial, que parece se recusar a seguir uma linha argumentativa segura; insiste em fazer associações e mesclar lembranças com informações colhidas no papel. Prossigamos na sequência de estudos que aos poucos foram compondo uma certa familiaridade com diversas perspectivas de fazer da cidade objeto de estudo em diferentes disciplinas.

Lembro o convite para uma palestra no 1º *Seminário de História Urbana* realizado na Universidade Federal da Bahia em novembro de 1990, certamente outro marco/marca fundamental na trajetória acadêmica. Revelou-se momento de inflexão em minhas incursões nas pesquisas sobre cidades não só por mostrar a coincidência de interesse temático entre historiadores e arquitetos urbanistas, porém sobretudo por constituir o início de uma colaboração fundamental que se mantém até hoje. Ana Fernandes e Marco Aurélio Filgueiras Gomes propuseram como tema para minha apresentação uma questão desafiadora: *Permanência e ruptura nos estudos da cidade*.

A resposta que dei talvez não tenha correspondido completamente à expectativa dos organizadores já que, ao invés de fazer um balanço dos estudos sobre cidades, escolhi fazer uma exposição de como a cidade passara a ser vista e analisada a partir de começos do século XIX em ruptura evidente com as concepções prevalecentes no século XVIII. Intrigara-me sobremaneira encontrar em uma antologia de textos sobre cidades – *Penser la ville* – trecho do tratado de Vitruvius, reproduzindo no verbete *ville* da *Encyclopédie* de 1751-1772, considerada em seu conjunto a expressão mais avançada dos conhecimentos do “Século das Luzes” em praticamente todas as áreas.<sup>32</sup> A permanência de uma concepção clássica da “ideia” de cidade parecia paradoxal, já que, nem decorridos cem anos, seria outro o paradigma do urbano: as muralhas - primeira preocupação em Vitruvius – desapareciam levando junto a ideia de cidade como espaço fechado e defensivo. Leituras, aulas e pesquisas se fundem no percurso que me levou ao artigo de François Béguin *Les machineries anglaises du confort* e à **presença** da doença se insinuando perversamente pelo traçado tortuoso das cidades europeias em várias décadas do século XIX, trazendo de volta o medo das grandes vagas epidêmicas. O artigo de

---

<sup>32</sup>*Penser la ville. Choix de textes philosophiques* (P. Ansay e R. Schoonbrodt, org.), Bruxelas: Archives d'Architecture Moderne, 1989, p. 155.

Béguin permitiu captar nas várias temporalidade constitutivas da noção de modernidade um **tempo** de mudança associado às alterações econômicas e crescimento populacional, porém marcado, sobretudo, pela importância dos abalos econômicos e políticos causados pelas epidemias de cólera e tifo nas décadas de 1840 e 1850.<sup>33</sup> O artigo de Béguin alterava o quadro convencional, no qual as questões sanitárias pareciam inerentes aos problemas trazidos pela concentração populacional nas cidades industriais e capitais europeias, somados às condições de trabalho fabril e às ameaças de revolução social e desfez dois dos chamados “fatores” que compunham o binômio de todos os estudos sobre as reformas urbanas iniciadas em meados do século XIX. Fortemente inscrita na negação foucaultiana de “uma origem”, sua análise remete à doença e às questões sanitárias como um dos “começos cruciais” da problematização das cidades, deixando de ser um mero dado complementar na formulação da “questão urbana”.

O “olhar” técnico, nos começos dos século XX, se sobrepõe insidiosamente ao pensamento político ao oferecer possibilidades de sanar “a patologia urbana”. Esse ensinamento de Françoise Choay permitiu estabelecer um vínculo definitivo entre as questões urbanas e a política, vínculo aos poucos encoberto no decorrer do século XIX, dando lugar a que as opções técnicas se impusessem como base na disciplina urbanismo no início do século XX.<sup>34</sup> Obscurecia-se algo fundamental: a própria maneira de se olhar e avaliar as condições de vida nas cidades estaria sempre orientada, ainda que por vezes de forma não assumida, por um viés político, levando a propostas de intervenção diferenciadas. A força da afirmação da técnica, se propondo a resolver soberanamente problemas atuais e fixar metas para o futuro, esconderia a finalidade política da estreita relação entre projeções utópicas e modelos para o futuro, encobriria a finalidade política da estreita relação entre utopia e modelos urbanísticos fincados nos ideários liberal progressista ou no ideário romântico conservador. Descortinar os pressupostos políticos da ação sobre as cidades, no âmbito das grandes intervenções reformadoras e projetos de expansão de cidades, bem como na dimensão menor e pontual das moradias operárias, abriu um campo de indagações sobre o “jogo político” implícito nas configurações das **formas urbanas**.

Como historiadora, considerei ser o reaparecimento de surtos epidêmicos em grandes cidades europeias uma ruptura de importância suficiente para compor um marco a partir do qual se desdobrariam várias dimensões que metafóricamente denominei “portas da cidade”; delineava-se também a imprescindível dimensão política das **portas conceituais** em substituição das portas físicas que lhe dava configuração espacial definida e finita e que aos

---

<sup>33</sup> BÉGUIN, François Les machineries anglaises du confort, Paris: *Recherche*, n. 29, 1977.

<sup>34</sup> CHOAY, Françoise, *L'Urbanisme. Utopies et Realités. Une Antologie*, Paris: Seuil, 1963.

poucos foram derrubadas, destituídas de sua primordial função de controle da entrada e saída de pessoas e mercadorias e de proteção de ataques inimigos. A denominação “*As sete portas da cidade*” obedece a uma hierarquização dos problemas urbanos sem deixar de remeter à noção lúdica dos jogos de palavras que percorre subliminarmente todos meus escritos. As reflexões sobre *as sete portas da cidade* foram apresentadas no 1º Seminário de História Urbana com o título *Permanência e Ruptura nos estudos da cidade*, (Salvador 1990) e na forma de depoimento em Mesa-redonda na FAU-USP (1991) já como título definitivo. A mesma reflexão foi retomada em *Cidades: espaço e memória*, em comunicação apresentada no Congresso *O Direito à Memória. Patrimônio Histórico e Cidadania*. Em agosto de 2001, o convite de Lucia Lippi de Oliveira para o seminário *Cidade: História e Desafios* permitiu expor, talvez de forma mais organizada, a mesma reflexão, resultando no texto *Cidade e História*.<sup>35</sup>

Os trabalhos listados obedecem à sequência de convites para seminários, apresentados, entretanto, na aparente dispersão há uma certa coerência. Foram privilegiadas nos estudos, as intervenções nas cidades segundo planos de reformas que mesclam sanitarismo e questão social, que mostram a formação de um olhar com base em uma nova sensibilidade para várias dimensões do urbano; sensibilidade concentrada especialmente no olhar atento à diferenciação entre espaço urbanizado e espaço rural, compondo a representação polarizada campo-cidade. Olhar que localiza a história na cidade – espaço e tempo -, e dela faz o lugar privilegiado da cidadania. Lugar onde as pessoas vivem inseridas numa rede de práticas contratuais e relações formais. Olhar que busca o contraditório resgate intelectual da cultura popular, restringida em suas formas de manifestação, recolhida ao folclore ou aos museus. Olhar que também reconhece, para o bem ou para o mal, territórios de configuração específica: comunidade de vizinhança ou étnicas ou ainda núcleos resistentes ao controle governamental. Olhar imperativo que submete os outros sentidos à sua percepção. Indicações sobre o direcionamento do foco do olhar, sugeridas na análise da documentação, ganhou posteriormente suporte teórico em trabalhos de Anne Cauquelin, apoio permanente e acionado em minhas leituras interdisciplinares<sup>36</sup>. Com Cauquelin confirmei o pressuposto, presente também em textos de Karl Marx, da presença de um filtro conceitual entre meu olhar e o que

---

<sup>35</sup> BRESCIANI, M.S. Permanência e Ruptura nos estudos da cidade in *Cidade & História* (Fernandes, A.; Gomes, M.A.F., org.), Salvador: UFBA, 1992 – coletânea que reuniu os trabalhos apresentados no 1º Seminário de História Urbana; *As sete portas da cidade*, *Espaço & Debates* n. 34, São Paulo: NERU, 1991; *Cidade: espaço e memória* in *O Direito à Memória. Patrimônio Histórico e Cidadania* (Cunha, M. C. P. org.), São Paulo: DPH-SMC-PMSP, 1992; *Cidade e História* in *Cidade: História e Desafios* (Oliveira, L. L. org.), CNPq-FGV, 2002.

<sup>36</sup> CAUQUELIN, Anne. *Essai de philosophie urbaine*, Paris: PUF, 1982; *L'invention du paysage*. Paris: PUF, 2000.

vejo, noção fundamental da diferença entre olhar e ver-compreender.<sup>37</sup> Completa o conjunto de indagações os textos *Cidade, cidadania e imaginário*, apresentado em Seminário no Mestrado em Arquitetura da UFRGS, e *Cultura e História: uma aproximação possível*, comunicação do ciclo de palestras Cultura. Substantivo Plural. Na organização da coletânea *Imagens da cidade. Séculos XIX e XX* busquei reunir trabalhos de vários pesquisadores em torno das diversas representações imagéticas dos centros urbanos.<sup>38</sup> Em 1997, um livro de M. Christiane Boyer trouxe mais possibilidades para entender os diversos “enquadramentos” organizadores das imagens e representações das formas das cidades.<sup>39</sup>

Ao lembrar, hoje, esse percurso razoavelmente longo por algumas cidades europeias do século XIX, firmou-se a convicção de que os conhecimentos adquiridos constituíram um patamar seguro para os seminários da Linha de Pesquisa **Cultura e Cidade**, bem como para a orientação de pesquisas pós-graduadas, além de formar o eixo teórico de minhas próprias incursões pela cidade de São Paulo. Leituras, aulas, orientação de pós-graduandos e escritos traçaram o estímulo para a formulação de um primeiro projeto de pesquisa sobre o tema relativo à cidade de São Paulo.

A construção do novo mercado central da capital paulista nos anos 1920, e sua inauguração em 1933, retardada a abertura por dois eventos políticos, o golpe de 1930 e o movimento constitucionista de 1932, consistiu parte importante das preocupações relativas às intervenções na cidade nas décadas iniciais do século XX. Da pesquisa, apoiada pelo CNPq, - O Mercado Central da rua da Cantareira – resultou o texto *Sanitarismo e Preocupações estéticas: o Mercado Central de São Paulo*, apresentado em Seminário Internacional sobre questões urbanas.<sup>40</sup> Como resultado parcial dessa primeira pesquisa sobre São Paulo, tornou-se evidente a correlação das intervenções na cidade, motivadas pela necessidade de facilitar o fluxo de veículos e melhorar as condições sanitárias de determinadas áreas e atividades associadas à preocupações estéticas apoiadas pelas autoridades municipais, não só relativas ao

---

<sup>37</sup> Cito a frase: Une constante révolution agite le couple comprendre-voir. Je comprends par ce que je vois, et autant que je vois, mais je ne vois que par et à l'aide de ce que je comprends qu'il faut voir dans ce que je vois. CAUQUELIN, A. L'invention du paysage. op. cit. p. 74.

<sup>38</sup> BRESCIANI, M. S. Cidade, cidadania e imaginário in *Imagens Urbanas: Os diversos olhares na formação do imaginário urbano*, (SOUZA, C.; PESAVENTO, S. org.), Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1997; *Cultura e História: uma aproximação possível* in *Cultura, substantivo plural*, (PAIVA, M.; MOREIRA, M. E. org.), Rio de Janeiro: Centro Cultural Branco do Brasil- Editora 34, 1996; *Imagens da cidade. Séculos XIX e XX*, (BRESCIANI, M. S. Bresciani, org.), São Paulo: ANPUH-Marco Zero- FAPESP, 1993.

<sup>39</sup> BOYER, M. Christiane. *The City of Collective memory. His Historical Imagery and Architectural Entertainments*. Cambridge (Massachusetts) – Londres (UK): The MIT Press, 1996, em particular cap. 2: City Images and Representational Forms, p. 31-70.

<sup>40</sup>BRESCIANI, M. S. Sanitarismo e Preocupações Estéticas: O Mercado Central de São Paulo in *Anais do Seminário Internacional do Programa de Investigaciones sobre el Campo Urbano y las Condiciones Históricas de emergência de las competencias urbanísticas*, realizado em Vaquerias (Argentina), 1996.

aspecto material da cidade, mas também quanto à noção de cidadania. Nos documentos de época, a identidade do habitante da capital paulista via-se construída a partir da imagem do antigo empenho bandeirante na conquista de terras, à qual se sobrepunham a do sucesso da lavoura cafeeira e a das iniciativas do empresariado industrial. Nas imagens sobrepostas, a metáfora da metrópole traduzia a ambição de fazer da cidade o padrão brasileiro da ação afirmativa de republicanismo, cidadania e modernidade, movida e mantida por um ideário, onde homens provenientes de países diversos eram acolhidos e irmanados na cidade cosmopolita. De certo modo, *Imagens de São Paulo: Estética e Cidadania* esboça o contorno dessas imagens e sugere a difícil trajetória dos imigrantes em busca da cidadania na cidade conhecida pelo caráter de sua população nativa fechado e avesso a estranhos. Um artigo de balanço da bibliografia sobre a São Paulo do século XX, e em parte relato síntese de minha trajetória de estudos urbanos *História e historiografia das cidades: um percurso*, consta da coletânea *Historiografia Brasileira em Perspectiva* e se revelou uma excelente oportunidade de leituras e releituras de trabalhos cujo enfoque voltou-se para vários aspectos da capital paulista e privilegiou os aspectos materiais da cidade – traçado urbano, políticas urbanas expressas em projetos e intervenções do poder público, moradia e as casas populares, em particular.<sup>41</sup>

Nessa sequência de estudos sobre cidades e urbanismo vários desdobramentos se mostraram bem mais extensos do que os anteriormente programados. O primeiro deles se concretizou com a organização do **Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade** no IFCH-UNICAMP, em dezembro de 1995. O Centro contou para sua organização com professores, mestrandos e doutorandos da *Linha de Pesquisa Cultura e Cidade*, donde as presenças marcantes do prof. José Roberto do Amaral Lapa (de saudosa memória) e da doutoranda Marisa Carpintéro (UNIMEP). Phillip Gunn (FAU-USP), José Lira e Telma Correa (FEC-USP-SC), Simone Lessa, Tércia Pilomia e Abílio Guerra (FAU-PUC-Campinas), colegas que aderiram à proposta logo no início. O CIEC tem realizado encontros de pesquisadores da história urbana e de atividades complementares ao curso de Arquitetura e Urbanismo da UNICAMP, com atividades atualmente marcadas pela iniciativa da profa. Cristina Meneghello que divide comigo sua coordenação. Intimamente vinculado à Linha de Pesquisa

---

<sup>41</sup> BRESCIANI, M. S. *Imagens de São Paulo: Estética e Cidadania* (escrita em resposta ao convite para a palestra de abertura do Encontro da ANPUH-SP (Assis) e publicada na coletânea *Encontros com a História. Percursos históricos e historiográficos de São Paulo*, (FERREIRA, Antônio Celso; LUCA, Tânia de; IOKOI, Zilda (org.) São Paulo: Ed. Unesp/FAPESP/ANPUH-SP, 1999; versão em inglês in *Cultura Material e Arqueologia Histórica*, (FUNARI, Pedro Paulo, org.), Campinas: IFCH-Unicamp, 1998; *História e Historiografia das Cidades: um Percurso* in *Historiografia Brasileira em Perspectiva*, (FREITAS, Marcos C. de, org.), São Paulo: Contexto/USF, 1998.

da qual se originou, pode demonstrar a importância de um núcleo de debates para a pesquisa e os bons resultados dos trabalhos de pós-graduação. A expressiva lista de meus ex-orientandos, dentre os quais menciono pelo persistente trabalho no CIEC, Amílcar Torrão, Rodrigo de Faria, Josianne Cerasoli, Carlos Oliveira, Viviane Ceballos, cujas monografias e teses se beneficiaram desse fórum pode ser avaliada em meu *Curriculum Vitae*.

O segundo desdobramento se configurou, em setembro de 1996, com o convite de Christian Topalov para participar do Programa Internacional *Les mots de la ville - City Words - Palabras de la ciudad*, sediado no Centre National de la Recherche Scientifique e apoiado pela UNESCO. Aceitar o convite motivou um amplo esforço de elaboração coletiva de um projeto voltado para palavras que poderiam desvelar aspectos importantes das cidades brasileiras. Congregou pesquisadores de várias universidades do país, compondo uma ativa equipe de arquitetos, historiadores e sociólogos. As atividades da equipe latino-americana do Programa *Palavras da Cidade*, coordenadas por mim e Hélène R. D'Arc, contam uma história de bons resultados: a participação de parte de seus componentes no *2ème. Séminaire Les Mots de la Ville*, realizado na UNESCO-Paris em dezembro de 1997 e o *1º Seminário latino-americano das Palavras da Cidade*, acolhido pela UFRGS em setembro de 1999. As colaborações apresentadas no seminário internacional compõem quatro volumes em fase de impressão na França e os trabalhos do seminário latino-americano resultaram na coletânea *Palavras da Cidade*. Com o título *Langage savant et politique urbaine à São Paulo, 1890-1950*, expus parte dos resultados da pesquisa sobre o vocabulário utilizado pelo saber especializado em suas avaliações das condições da cidade, na formulação de projetos para intervenções pontuais e de políticas urbanas para São Paulo.<sup>42</sup>

Na primeira fase das atividades do Programa Palavras da Cidade mostraram-se particularmente gratificantes as trocas com pesquisadores de diferentes países e pela oportunidade de apresentarmos, a partir de palavras-chave, particularidades dos processos de urbanização no Brasil e em países da América espanhola, em fórum internacional. Evidentemente, as trocas com pesquisadores de proveniências as mais diversas – Inglaterra, Espanha, China, Itália, Alemanha, Estados Unidos, Tunísia, Argélia, Índia, entre outros – permitiram contrastar processos internos aos países europeus, bem como a maneira diferenciada como vários desses países, no papel de metrópoles colonizadoras, estabeleceram projetos urbanos de inserção em cidades já existentes ou criaram núcleos urbanos em áreas

---

<sup>42</sup> *Palavras da Cidade* (BRESCIANI, M. S. org.), Ed. da UFRGS, 2001. *Langage savant et politique urbaine à São Paulo, 1890-1950* in *Amérique latine: les discours techniques et savants de la ville dans la politique urbaine* (textos do seminário internacional publicados sob a responsabilidade de D'ARC, H.R. na Coleção Gestion des Transformations Sociales – Document de travail n° 37, UNESCO, 1999.



nas quais prevaleciam culturas pré-urbanas. O enfoque de estudo com base na escolha de palavras-chave tem sido desafiador. Pode-se descortinar aspectos das cidades, pontuais ou abrangentes, porém, exige dos pesquisadores uma disciplina de escrita – pelas palavras e não pelos temas – difícil, complexa, porém gratificante. Toda uma nova possibilidade de se estudar as cidades foi revelada nesse esforço coletivo.

Creio que minha experiência pessoal pode ilustrar os obstáculos enfrentados e superados para chegar ao modelo de escrita “pelas palavras”. Iniciei meu trabalho convencida de que o melhor partido a se tirar dos documentos de especialistas da cidade que tinha em mãos seria o de compor os campos conceituais do urbanismo presentes em textos e projetos de profissionais ativos em São Paulo relacionando palavras-chave e a maneira como se interligavam a outras palavras em uma rede de significados, ao mesmo tempo técnicos e políticos. O percurso de reconhecimento dessas palavras, sua incidência e a montagem de redes com palavras subsidiárias, foi instigante e instrutivo, por revelar uma hierarquia de termos interdependentes, cuja estrutura expressava tanto uma relação de poder como expunha determinadas concepções de cidade e de urbanismo, bem como, a quem competia definir e propor os projetos e os trabalhos de intervenção. A hierarquia se modificou no decorrer dos quase cem anos de documentos analisados e indicou a importância de um estudo mais detido do movimento de realocação das palavras e da inserção de outras palavras na formação de campos conceituais novos ou renovados. Na fase de recolhimento de documentação e troca de ideias, mostrou-se de grande valia a colaboração de Maria Cristina da Silva Leme, pondo-me à disposição seus conhecimentos e o valioso arquivo sobre urbanismo organizado na FAU-USP, e Marisa Carpintéro, sempre disposta a partilhar documentos, livros e debate incentivador. O artigo: *Le brouhaha des petites mémoires à la reencontre des langages savants: esthétique moderne et citoyenneté à São Paulo de 1850 à 1940* expõe conclusões e perguntas que passaram a orientar minhas pesquisas.<sup>43</sup>

Para a edição francesa dos trabalhos apresentados no Seminário de 1997 me vi diante da necessidade de escolher uma das várias palavras antes elencadas e a opção recaiu na palavra “melhoramentos”, pela importância e persistência para expor intervenções pontuais e presente nos documentos em todo o período de tempo analisado. O artigo *Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850-1959)* faz parte da coletânea *Palavras da Cidade*, mencionada acima e no volume III das coletâneas programadas na França. Alguns dos resultados obtidos apontam para a maneira pela qual os engenheiros e

---

<sup>43</sup> Projeto Integrado com o apoio do CNPq e pesquisas subsequentes.

engenheiros arquitetos – presentes e atuantes em secretarias e na Prefeitura Municipal da capital paulista – formularam modelos de intervenção internacionais, se mantiveram atualizados com publicações especializadas e estabeleceram estreita e controversa colaboração com empresas privadas. Um caminho com prováveis inúmeras surpresas futuras.

O programa *Les mots de la Ville* encontra-se agora na segunda fase e a equipe se concentra no objetivo de formar um *Thesaurus de Palavras da Cidade*, escolhidas sete línguas europeias e o árabe. Além do aspecto lúdico expresso pela palavra jogos, volto a enfatizar sua dimensão crucial para o trabalho coletivo. O volume de informações colhidas por cada equipe sobre cidades de três continentes, e a escolha das palavras e sua recorrência e correlação a termos semelhantes – com o mesmo significado, significado aproximado ou totalmente diverso – abriu um fascinante e instrutivo leque de conhecimento das cidades. No caso da língua portuguesa a equipe brasileira conta com a colaboração de pesquisadores portugueses para compor os verbetes com o vocabulário de uso comum nos dois países, Brasil e Portugal.

Outra dimensão extremamente gratificante dessas incursões pelas cidades merece destaque particular: o convite para participar da elaboração do currículo e da implantação do curso de Arquitetura e Urbanismo na UNICAMP. Foram alguns anos de reuniões e debates com colegas da Faculdade de Engenharia Civil e do Instituto de Artes que redundaram na organização do curso com o início das atividades em março de 1999. As tarefas didáticas com os alunos do curso, com os colegas Cristina Meneghello, Marcos Tognon e Jorge Coli, e as doutorandas Adriana Vaz de Oliveira e Josianne Cerasoli têm proporcionado a experiência gratificante de exercitar uma nova maneira de encarar temas, textos e imagens, privilegiando sua dimensão espacial.

A irrupção dessa lembrança – o desafio de colaborar para a formação de um novo curso – trouxe subitamente para o plano da consciência momentos decisivos da minha vida acadêmica que talvez em um relato mais objetivo devesse corresponder ao início da exposição. Retorno, primeiro, para a história política, começo da trajetória de pesquisa na década de 1970. A questão mais delicada diz respeito à decisão de não publicar a tese de Doutorado. Considerarei-a incompleta. Boa parte desse olhar crítico, eu devo aos cinco anos dedicados aos cursos do Programa de pós-graduação em História Social da FFLCH-USP, à pesquisa e à redação da tese e de trabalhos, meu tempo dividido entre seminários como monitora da área de História Moderna e História Contemporânea do Departamento de História da FFLCH-USP (1971-1974). A partir de março de 1974, entrei para o IFCH-UNICAMP. As aulas para o

curso básico de Ciências Humanas e as inúmeras reuniões preparatórias para a implantação dos cursos de Bacharelado e de Pós-graduação em História preencheram boa parte do ano de 1975. A oportunidade de participar do coletivo de professores (Ítalo Tronca, Déa Fénelon, Roberto do Amaral Lapa, Michael Hall, Arnaldo Contier) na organização de um curso de História, simultaneamente nos níveis de graduação e pós-graduação, e que correspondesse às expectativas de respostas enérgicas às restrições impostas pela ditadura militar do golpe de abril de 1964, foi amplamente gratificante. Ofereceu um desafio estupendo. Partilhar o projeto de um curso e participar de sua implantação, preparar aulas para disciplinas de graduação e de pós-graduação e terminar a redação da tese de doutorado, defendida em setembro de 1976, resultaram em experiências extremamente importantes para a minha formação.<sup>44</sup> Anoto que, ao escrever este Memorial, janeiro de 2002, posso retrospectivamente confirmar que no decorrer dos mais de 25 anos de atividades no Programa de Pós-graduação o relacionamento com os alunos e orientandos configurou uma experiência gratificante. Com todos os meus orientandos aprendi um pouco, com alguns aprendi muito, vários se tornaram grandes amigos, colegas e assíduos colaboradores. Debito mesmo à experiência de montagem e implantação dos cursos de graduação e pós-graduação, nos já distantes anos de 1975 e 1976, terem me levado a ter um olhar bastante crítico sobre minha tese de doutorado no decorrer do próprio processo de redigi-la.

A satisfação incompleta com o trabalho final de tese decorreu, em grande parte, da impossibilidade de avançar numa análise mais profunda das vertentes do pensamento republicado veiculado pela propaganda sem conhecer melhor teoricamente as matrizes do liberalismo em suas reformulações nos séculos XVIII e XIX e de rastrear o campo teórico do positivismo em suas vertentes “ortodoxa” e “científica”. A exigência de prosseguir na leitura dos textos clássicos do pensamento político, se decerto modo impediu minha aquiescência para a publicação da tese, veio, entretanto, corroborar a hipótese do equívoco da denominada “teoria das ideias fora do lugar” que, na época contava com uma única voz discordante, a de Maria Sylvia de Carvalho Franco. Essa opção revelou-se um caminho difícil, em vista do capital intelectual nela investido por autores de grande reconhecimento e, principalmente, por oferecer um modelo explicativo já dado, ou seja, uma resposta *a priori* a todas indagações ou problemas postos sobre temas e aspectos da história do Brasil.

Sem me alongar nessa polêmica, a decisão de não aceitar essa solução interpretativa, considerada facilitadora de interpretações apressadas, e talvez por isso pouco desafiadora e

---

<sup>44</sup> BRESCIANI, M.S. *Liberalismo: ideologia e controle social*, São Paulo, 1850-1910. FFLCH-USP, 1976.

interessante, levou-me posteriormente à leitura de autores que ampliaram os conhecimentos historiográficos. Não aceitar o modelo facilitador e a meu ver equivocado, me ofereceu, anos depois, a possibilidade de confirmar a hipótese inicial da pesquisa quando estudei o pensamento de Francisco de Oliveira Vianna: a de que as afirmações dos anos 1960 e 1970, sobre o mimetismo da *intelligentsia* brasileira, ou seja, de que “as ideias políticas eram importadas e não correspondiam a ‘realidade’ brasileira”, nada tinham de novo, sendo refrão dito e redito por autores desde pelo menos 1870. Evidentemente existiam diferenças entre as análises de autores de finais do século XIX e primeira metade do século XX e a dos sociólogos e teóricos da literatura das décadas de 1960 e 1970. Sem dúvida eles pautavam suas análises por conceitos pertencentes a campos teóricos bastante diversos: concepções românticas, teorias raciais e o tripé positivista prevaleciam nos escritos do primeiro grupo; a economia política marxista orientava os autores da segunda metade do século XX. Todos chegavam, porém, por caminhos diversos, sempre ao mesmo lugar-comum – o descompasso entre ideias e instituições prevaletentes no Brasil independente e a sociedade brasileira. Uma interpretação que podia se deter na simples análise do mimetismo inconsciente da parcela instruída da população do país ou avançar até o postulado de ideologia de segundo grau<sup>45</sup>. Nos dois casos as interpretações pareceram inconsistentes e me instigaram a prosseguir nas leituras. Gosto pelos jogos intelectuais? Talvez.

Parte dos resultados da tese de Doutorado foi apresentada no congresso internacional *Racism and the Labour Market*, que teve lugar em Leiden (Holanda) em setembro de 1991, e para o qual redigi o texto *Rethinking the Free-Labor Market in Nineteenth-Century Brazil*, publicado na coletânea *Racism and the Labour Market. Historical Studies*. O texto teve boa acolhida junta à revista *Genèses. Sciences sociales et histoire* e dela consta uma versão em francês com o mesmo título. A convite de Renato Janine Ribeiro, redigi o texto, também parte da tese, *O cidadão da República. Liberalismo versus positivismo. Brasil: 1870-1900*, publicado pela Revista USP.<sup>46</sup>

Dimensão da maior relevância para mim fica com a dimensão da vertente crítica das “ideias fora do lugar” ganha nas aulas e orientações de Mestrados e Doutorados, não só em trabalhos de meus orientandos. Sem dúvida a atividade de ensino na graduação tem-se

---

<sup>45</sup> O texto que nos anos 1970 mais difundiu a teoria do descompasso entre a sociedade brasileira e as ideias do liberalismo, foi sem dúvida o de Roberto SCHWARZ. As ideias fora do lugar in *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977.

<sup>46</sup> BRESCIANI, M. S. *Rethinking the Free-Labor Market in Nineteenth-Century Brazil* in *Racism and the Labour Market. Historical Studies*, (LINDEN, Marcel van der; LUCASSEN, Jan org.), Peter Lang, 1995; *Genèses. Sciences Sociales e Histoire*, n. 9, Ed. Belin, 1992. “O cidadão da República. Liberalismo versus positivismo. Brasil: 1870-1900”, *Revista USP* n. 17, março- maio de 1993.

complementado com as tarefas didáticas e de orientação de alunos pós-graduados. Além da faceta gratificante da formação de profissionais em história em nível pós-graduado, a convivência acadêmica e a responsabilidade de “conduzir” teses me obrigaram a trilhar caminhos e autores e a descobrir a complexidade de temas aparentemente simples. Ex-orientandos se encontram atualmente em instituições de ensino e pesquisa, multiplicando os resultados originais e formando uma rede de trocas intelectuais imprescindíveis ao prazer da pesquisa e ao convívio acadêmico.

Como capítulo final dessa lembrança, devo agora discorrer sobre uma pesquisa de longa duração que, ao longo desse memorial, mereceu menções rápidas. Como já indiquei antes, Francisco de Oliveira Vianna se confunde com o início dos estudos pós-graduados quando, em 1971, foi objeto de um seminário de pós-graduação em Ciência Política dirigido por Francisco Weffort. O texto apresentado no seminário *A concepção de Estado em Oliveira Vianna*,<sup>47</sup> significou a ousadia de uma primeira investida por escritos engajados com propostas de projetos políticos para o país e me levou a algumas indagações sobre a aposta centralizadora do pensamento autoritário no Brasil. Na leitura de dois livros do autor, *Populações meridionais do Brasil* (1922) e *O idealismo na evolução política do Império e da República* (1922), separados por quinze anos e muitos acontecimentos nacionais e internacionais de um terceiro, *Instituições Políticas Brasileiras*, 2 volumes (1949), foi possível apreender uma lógica argumentativa que auxiliaria na análise dos textos da propaganda republicana. Interessou-me sobretudo a maneira sistemática como o autor desenvolvia seus argumentos em quatro blocos: “realidade brasileira”; proposições para “a realidade brasileira”; “realidade internacional”; ideias “filosóficas reais” (atuais). Os blocos se interligavam obedecendo sempre a uma sequência expositiva de comparação entre o Brasil – instituições e ideias – e países estrangeiros. A finalidade dessa exposição comparativa consistia em mostrar a distância em terras brasileiras entre “ideal e realidade”, causada pelo mimetismo da elite do país, sempre ansiosa por “importar” sistemas de ideias e sistemas políticos de países mais adiantados. Até certo ponto, os argumentos de Oliveira Vianna repetiam, décadas depois, os argumentos da propaganda republicana na forma de expor críticas às instituições monárquicas e elaborar as propostas para instaurar o regime republicano. Em seus argumentos sobressai o objetivo de implantar no país um regime de governo mais adequado ao tempo e ao lugar. Passado algum tempo, encontraria a mesma estrutura argumentativa nos textos literários, e posteriormente nos escritos críticos à

---

<sup>47</sup> BRESCIANI, M. S. A concepção de Estado em Oliveira Viana, *Revista de História* n. 94, São Paulo, 1973.

República liberal em autores como Alberto Torres, Oliveira Vianna, Francisco Campos, Azevedo Amaral, entre outros, autores, nem sempre adeptos do pensamento autoritário dos acima mencionados.

Uma segunda incursão nos textos do autor fluminense veio em resposta à proposta do prof. Octavio Ianni, quando organizou uma mesa-redonda na Reunião Anual da SBPC, em julho de 1977. Nela apresentei o texto *As voltas do parafuso*, publicado na *Revista Ciência e Cultura*, que possibilitou comparar a diretriz teórica de Oliveira Vianna com pressupostos do positivismo de Alberto Salles e de adeptos do “positivismo ilustrado”, parte de um dos capítulos da tese de Doutorado. A oposição entre república liberal federativa, defendida pela maioria dos republicanos paulistas e a república ditatorial-centralizada, proposta pelos positivistas nas décadas de 1870 e 1880, seria reeditada nas décadas de 1920 e 1930 na contraposição entre “democracia autoritária *versus* democracia liberal”.<sup>48</sup>

Alguns anos depois, o prof. Ianni me convidou para redigir um ensaio introdutório à reedição de *O idealismo da Constituição* de Oliveira Vianna. O texto entregue – *O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna, cientista social* -, produção intelectual e prática política do autor – não correspondia à expectativa de Ianni, mas mereceu sua avaliação muito positiva e o estímulo a prosseguir na pesquisa. Com pequenas reformulações, foi apresentado no *1º Congresso Brasileiro de História Econômica* (USP, setembro de 1993).<sup>49</sup> Nele, as indagações do trabalho que finalizei para este concurso ao cargo de Professor Titular da Unicamp encontravam-se já em forma embrionária: a certeza de que o pensamento de Oliveira Vianna representa umas das matrizes – a vertente conservadora ou de “direita” – “da teoria das ideias fora do lugar” e seus trabalhos se inserem entre os “intérpretes do Brasil”.

No decorrer da pesquisa chamou minha atenção a ênfase dada pelo autor à noção de “solidariedade” como conceito básico na análise da sociedade, e com ela estabelecendo correlação para expor o que Oliveira Vianna definia como a **marca** de identidade da população brasileira, ou seja, a ausência de instituições de solidariedade que fossem além da solidariedade familiar ou de clã. A correlação entre as duas formas de direito – familiar e jurídico – lhe serviu de parâmetro para denunciar o que considerava um descompasso entre a lei e a prática corrente entre a população. Em termos de coerência teórica me intrigou algo que, à primeira vista, pareceu expressar uma contradição evidente em seus argumentos – o recurso sistemático e explícito a teorias e modelos interpretativos formulados em outros

---

<sup>48</sup> BRESCIANI, M. S. *As voltas de um parafuso*, *Ciência e Cultura* vol. 30(8) agosto de 1978.

<sup>49</sup> Artigo publicado na coletânea *História Econômica da Primeira República* (SILVA, S.; SZMRECSÁNYI, T., org.), Hucitec/ FAPESP, 1996.

países e, ao mesmo tempo, a afirmação reiterada de que constituía um erro flagrante e fatal a “importação” de ideias e instituições estrangeiras. Paradoxo?

Intrigada, analisei o procedimento utilizado para formular seus argumentos, seguindo os passos da lógica que lhe propiciava afirmar, por um lado, a universal utilidade dos conceitos “científicos”, e por outro, o recorte estritamente nacional da formação dos sistemas de pensamento e instituições políticas. Apegava-se à certeza da objetividade neutra dos conceitos, e concomitantemente, se mostrava convencido da necessidade da particular adaptação das ideias e instituições ao direito costumeiro ou à “realidade social” de cada país. A noção de reforma não poderia se expressar de modo mais nítido nessa aposta de modificar a sociedade com leis compatíveis com sua “realidade”, captada por meio da análise de usos e costumes da população, já que as ideias e as instituições políticas liberais, constituíam uma farsa ou falsa fachadas, por se mostrarem em desacordo e incompatíveis com a situação atual do país. Propunha conduzir a sociedade a um estágio mais aperfeiçoado de organização social e institucional de modo gradual e pela mão forte do governo autoritário.

Resultados parciais da pesquisa foram expostos em reuniões científicas e publicados em coletâneas e anais de congressos. Levei o artigo *Forjar a identidade brasileira nos anos 1920-1940* para o *III Congresso Latino-americano* na Universidade de Varsóvia, em junho de 1995. Outra versão constou de mesa-redonda do Colóquio Internacional *Sentimentos e Identidades: os Paradoxos do Político*, realizado no IFCH em maio de 1994, primeiro evento coletivo de pesquisadores do *Núcleo de História e Linguagens Políticas*, contando com a adesão e participação entusiasta de Michelle Perrot, Pierre Ansart, Claudine Haroche e Yvez Déloye, que vieram a fazer parte do Núcleo. Havíamos já realizado em convênio com a Universidade de Paris 7, um encontro em fevereiro de 1991, no qual as afinidades e aproximações temáticas entre vários dos participantes motivou-nos a continuar o trabalho conjunto. Alguns textos do Colóquio de 1994 foram publicados no *Les cahiers du laboratoire de changement social*, n. 4, 1998. A edição brasileira mereceu publicação pela Editora da Universidade de Brasília.<sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> BRESCIANI, M. S. O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna, cientista social, *História Econômica da Primeira República* (SILVA, S.; SZMRECSÁNYI, T., org.), São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 1996. Forjar a identidade brasileira, publicado no tomo II das *Memórias* do congresso, Varsóvia: Uniwersitet Warszawski, 1996 e em coletânea organizada por HARDMAN, F. F., *Morte e Progresso. Cultura Brasileira como apagamento de traços*, São Paulo: Ed. Unesp, 1998. Os trabalhos do colóquio de 1994 foram publicados nos *Cahiers du laboratoire de changement social* n° 4 - Sentiments et identité: les paradoxes du politique (ANSART, Pierre, org.), Paris: Université Paris 7-Denis Diderot, 1998, nele consta meu artigo Un regard sociologique sur l'identité nationale. La pensée autoritaire d' Oliveira Vianna, Brésil. A coletânea *Razão e Paixão na Política*, organizada por Jacy Seixas, Marion Brepohl, Stella Bresciani compõe um conjunto de trabalhos de grande interesse para a questão persistente da busca-definição de uma identidade nacional. Da

Os desdobramentos da pesquisa sobre Oliveira Vianna não ficaram aí. Em dezembro de 2000, apresentei na Universidade de Paris I, em Colóquio sobre Halbwachs, um trabalho em que mostrava a proximidade de pensamento entre os autores contemporâneos – o francês Halbwachs e o brasileiro Oliveira Vianna – motivada por uma epígrafe de *Instituições Políticas Brasileiras* de Oliveira Vianna. Esse estudo me fez ver que a epígrafe era mais do que mera referência ilustrativa ou inspiradora, já que o trecho de *Morphologie sociale* de Halbwachs inseria-se no livro para mostrar a coincidência da pesquisa se definir por recortes de regiões e pelo modo como os dois autores concebiam a configuração da população e das instituições. O texto *La morphologie sociale du Brésil par un lecteur de Halbwachs: Oliveira Vianna* consta de coletânea, em vias de publicação na França, organizada por Yves Déloye e Claudine Haroche.

O trabalho sobre Oliveira Vianna assumiu nos últimos dois anos do século XX uma dimensão bem maior do que a prevista. Na parte introdutória, as indagações sobre o **lugar** ocupado pelo autor em meio à intelectualidade brasileira nos anos de 1920-1950 estenderam-se para além do imaginado. Entre o prazer do **jogo** – encontros e desencontros de formas de pensar, avaliar e formular projetos políticos para a sociedade brasileira na primeira metade do século XX e a importância de autores brasileiros contemporâneos de Oliveira Vianna – Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre -, impôs-se a exigência de análise mais detida de seus trabalhos e a ampliação do leque de leituras. Foram incluídos alguns autores considerados clássicos do pensamento filosófico, político, historiográfico e das demais ciências humanas. Exigências ou interesse pessoal-profissional? Talvez um ajuste de contas não completamente realizado no doutoramento. Com certeza, o fundamento dessa retomada foi a convicção de que os recortes nacionais constituem uma armadilha poderosa e frequentemente enganadora para os trabalhos historiográficos. Na formação dessa certeza, as aulas de História das Ideias Políticas e Sociais e de História Contemporânea - século XIX auxiliaram a preencher a deficiente formação na área do pensamento liberal burguês ou moderno e de sua contrapartida crítica, o pensamento romântico e seus derivados.

O texto – *Identidades inconclusas no Brasil do século XX – fundamentos de um lugar-comum* – apresenta parte importante dos argumentos desenvolvidos na introdução do trabalho de conclusão da pesquisa sobre Oliveira Vianna, com o título provisório *Nós Brasileiros: Oliveira Vianna intérprete do Brasil*. Foi apresentado no Colóquio Internacional, realizado no

---

coletânea consta a tradução brasileira que devo a Seixas do artigo sobre o foro íntimo “O poder da imaginação: do foro íntimo aos costumes políticos. Germaine de Staël e as ficções literárias”, já que o artigo sobre Oliveira Vianna havia sido publicado anteriormente.



IFCH em finais de maio e início de junho de 2000, segundo evento do *Núcleo História e Linguagem Políticas* e constitui parte importante do texto final. O Colóquio e a coletânea contaram com a colaboração de pesquisadores não vinculados ao núcleo, repetindo orientação já ensaiada no Colóquio de 1994 e novamente demonstrou ser uma prática enriquecedora. Das colaborações resultou a coletânea *Memória e (res) sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*.<sup>51</sup> Nos trabalhos reunidos em livro encontram-se expostas várias dimensões do poder dos sentimentos: a emoção negativa, recalcada e persistente do ressentimento, sua presença na formação de identidades, na prática política, na organização da cultura, e seu efeito de elaboração de uma memória depressiva e, não raras vezes, imobilizadora. O conjunto de textos compõe a meu ver um importante elenco de estudos sobre a relação entre sentimento e política, captando a forma declarada e/ou insidiosa como o “dever de memória” pode revelar também seu lado sombrio. O livro *Le Ressentiment* organizado por Pierre Ansart inclui parte dos textos do Colóquio.<sup>52</sup> A tese apresentada para o concurso de Prof. Titular recebeu o título *O charme da ciência e a sedução da objetividade. Oliveira Vianna entre intérpretes do Brasil*.

Nas várias etapas da pesquisa e redação do trabalho sobre Oliveira Vianna, contei com efetiva colaboração do “pessoal do Núcleo” discutindo hipóteses, textos teóricos e resultados parciais. Posso afirmar, sem transferir culpas por adesão a textos teóricos, por deficiências eventuais do texto final, a importância do coletivo de estudos e pesquisa para a realização da tese. Em meio a uma avalanche de lembranças, algumas se fixam de forma indelével: Márcia Naxara, Elizabeth Cancelli, Christina Lopratto e Jacy Seixas acompanharam a redação final passo a passo, ofereceram sugestões, debateram ideias e passagens mais complexas em situações sempre agradáveis – passeios em torno do parque da lagoa em Barão Geraldo, longos papos regados a vinhos acompanhados de queijos e risotos. Em conversas e e-mails estimulantes, Ítalo Tronca, Vavy Borges e Izabel Marson, Virginia Camilloti, além do incentivo de sempre, contribuíram em momentos decisivos na tomada de decisões. Essa estreita colaboração de colegas e dos alunos pós-graduandos presentes nos seminários da Linha Jogos da Política e nas reuniões do Núcleo me leva a afirmar que a pesquisa e a redação desse trabalho, na forma como se apresentam no texto final, não teriam sido possíveis em outro **lugar** institucional, espaço de atividades didáticas e de reuniões informais, além do Departamento de História do IFCH-UNICAMP.

---

<sup>51</sup> BRESCIANI, M. S. *Memória e (res) sentimento. Indagações sobre uma questão sensível* (BRESCIANI, S.; NAXARA, M. org.), Campinas: Ed. UNICAMP, 2001.

<sup>52</sup> *Les Ressentiment* (ANSART, P., org.), Bruxelas: Bruylant, 2002.

Como considerações finais desse Memorial, rendo-me à confirmação da dificuldade em fazer um balanço de síntese de uma trajetória de trinta anos de dedicação ao trabalho acadêmico. Deixei de lado os cargos ocupados nesta Universidade, mantidos sempre no limite mínimo das responsabilidades inerentes à condição de professora universitária, embora reconheça a importância estratégica que ofereceram para ampliar o conhecimento de outras áreas e, acima de tudo, tornar mais familiar o conjunto de atividades do próprio Departamento de História. As funções de representação junto ao CNPq e na CAPES constituem um gratificante reconhecimento acadêmico dos colegas de área. Na Comissão Acadêmica do CNPq, pude entrar em contato com a ampla rede de pesquisas em desenvolvimento nas principais instituições de ensino brasileiras. Esse contato resultou na constatação de quanto a área de História tem avançado em relação à pesquisa nos últimos anos, com a diversificação das preocupações temáticas e os enfoques teóricos de modo a ampliar o campo de indagações em nítida tendência de aproximação a disciplinas correlatas. São evidentes os recursos a métodos e recortes temáticos da Antropologia, Sociologia, Arquitetura e Urbanismo, Teoria Literária e Psicologia, além dos vínculos mais antigos com a Demografia e os métodos quantitativos. Trabalhos de nítido recorte interdisciplinar, por vezes ensaios de transdisciplinaridade, colocam a pesquisa histórica em posição bastante privilegiada na área das Ciências Humanas. Creio que o abandono de modelos interpretativos rígidos, avessos a aceitarem resultados que os contradizem, contribuíram de forma evidente para esse sopro de liberdade presente em grande parte dos trabalhadores historiográficos. Sobre a experiência na CAPES, tenho mais a aprender do que a relatar. Fica, assim, para outro momento discorrer sobre uma posição que com certeza exige ainda muito maior dedicação.

Sei que este texto está longe de possuir o dom de emocionar inerente às boas ficções literárias. Não tive a pretensão de seguir os ensinamentos de Germaine de Staël e tornar sensíveis as verdades morais colocando-as no movimento da trama narrativa. Reconheço, entretanto, que a recusa em seguir um plano de redação, ou mesmo de manter a sequência cronológica do Currículo, deu-me a liberdade de fazer entre tantas lembranças a escolha que recolheu as mais felizes. Terei mantido fidelidade à autora quando disse<sup>53</sup>: “afastei desse ensaio tudo aquilo que não teria relação com a finalidade pretendida”?

---

<sup>53</sup> STAËL, G. de. *Essai sur les fictions*, op. cit., p.27.